

Mais*

NENHUM EVENTO PARECE TER REUNIDO TANTA GENTE QUANTO A TRADICIONAL FEIRA DO ROLO

Cidade quase esvaziada

Pandemia Avenidas do centro e praias tiveram pouco movimento; na periferia, as feiras ficaram cheias

Alexandre Lyrio

REPORTAGEM
alexandre.lyrio@reddebahia.com.br

Sombrios uns por cima dos outros, calor, mergulho em águas calmas, queijo coalho, cerveja, caipirinha, camarão do João, picolé Capelinha e várias JBLs tocando de sertanejo a pagodão. Esse seria o Porto da Barra em um domingo de sol. É assim desde que a gente se entende por gente. Ontem não foi. As 11h de um domingo de céu aberto, apenas pombos imunes ao coronavírus ciscavam na areia. Nas quatro escadas de acesso à praia, tapumes colocados pela prefeitura avisavam: "Praia Interditada. Decreto Municipal 32272/20".

O primeiro domingo de sol sob ameaça da Covid-19 revelou uma Salvador sem vida, mais vazia que em uma quarta-feira de cinzas ensolarada ou em uma semana de São João, onde grande parcela da população vai para o interior. Foi a maior prova de que, por mais beleza que a capital baiana tenha, o que dá vida a ela é o povo. Mesmo os que se arriscavam a sair e visitar os principais pontos que aos domingos costumam ser cheios, mesmo esses estavam com "cara de enterro". A saída de casa foi um respiro. Um respiro perigoso, mas um respiro.

O serigrafista Itamar Santos, 42 anos, não aguentou passar o dia sem montar na sua bicicleta, a qual costuma utilizar três vezes por sema-

na. "Eu já tô em casa há vários dias e não me privei hoje (ontem) de dar uma volta de bike. Estou um pouco saturado. Preciso cuidar da minha parte física para o corpo absorver esse impacto", argumentou, visivelmente triste. "Cara, um desalento. Fora do normal uma situação como essa. A gente tem que pensar muita coisa. Já tá impactando na vida de todo mundo. Tomara que não deixe tantas sequelas", torce.

Assim como Itamar, algumas pessoas não dispensaram o cooper ou caminhada, muitos de máscara. A comerciante Cláudia Silva, 51 anos, não deixou de sair com sua cachorrinha, Magali, da raça akita. "A rua tá vazia. Tenho que sair com ela de qualquer jeito. Quando chego em casa lavo o focinho e as patinhas. Tá tranquilo por enquanto", disse Cláudia, que tem dois restaurantes na área do Porto da Barra. "Tá aberto, mas só tem os funcionários. Muito prejuízo".

Fora esses gatos pingados na Orla, os locais mais procurados nos domingões estavam às moscas. Não teve batida de perna ou o sorvete no shopping, não teve música no Parque da Cidade, não teve acarajé no Rio Vermelho ou Itapuã. As praias, principal opção dos baianos no final de semana, estavam desertas. Valia pelo cenário ainda mais paradisíaco. "Aí que a gente vê que a praia de Piaçá é linda, sem aquela muvuca", disse um homem que passava.

na. "Eu já tô em casa há vários dias e não me privei hoje (ontem) de dar uma volta de bike. Estou um pouco saturado. Preciso cuidar da minha parte física para o corpo absorver esse impacto", argumentou, visivelmente triste. "Cara, um desalento. Fora do normal uma situação como essa. A gente tem que pensar muita coisa. Já tá impactando na vida de todo mundo. Tomara que não deixe tantas sequelas", torce.

Assim como Itamar, algumas pessoas não dispensaram o cooper ou caminhada, muitos de máscara. A comerciante Cláudia Silva, 51 anos, não deixou de sair com sua cachorrinha, Magali, da raça akita. "A rua tá vazia. Tenho que sair com ela de qualquer jeito. Quando chego em casa lavo o focinho e as patinhas. Tá tranquilo por enquanto", disse Cláudia, que tem dois restaurantes na área do Porto da Barra. "Tá aberto, mas só tem os funcionários. Muito prejuízo".

PRAIAS

Fora esses gatos pingados na Orla, os locais mais procurados nos domingões estavam às moscas. Não teve batida de perna ou o sorvete no shopping, não teve música no Parque da Cidade, não teve acarajé no Rio Vermelho ou Itapuã. As praias, principal opção dos baianos no final de semana, estavam desertas. Valia pelo cenário ainda mais paradisíaco. "Aí que a gente vê que a praia de Piaçá é linda, sem aquela muvuca", disse um homem que passava.

1 Rio Vermelho
Avenidas, ruas, bares e restaurantes do bairro registram pouco movimento no domingo

2 Feira No bairro da Liberdade, o movimento de consumidores nas feiras livres foi grande, ontem

3 Praias Fiscais da Prefeitura de Salvador orientam a população na praia de Ondina



Na Barra, turistas vestidos com cangas e shorts observavam tudo desolados das portas dos hotéis. O casal de suíços Beat Suter, 75 anos, e Annette Suter, 80, se arriscaram para registrar uma selfie em uma das pontas do Porto da Barra. Tiveram o voo de volta cancelado e ficaram presos em Salvador. Alugaram um apartamento em Praia do Flamengo para passar um mês. "Estamos bem. Pelo menos aqui tem sol e calor", disseram, sorridentes.

Em Ondina, ao lado do Restaurante Sukiaki, agentes da Semop e da Defesa Civil davam "uma chamada" por megafone alguns poucos que chegaram a pular os tapumes das praias para dar um mergulho. "Cidadão: a praia está interditada! Favor sair da praia. Por favor cidadão, peço que se retire imediatamente!".

"Graças a Deus tá funcionando. A população tá, aos poucos, entendendo a mensagem de que tem que se pro-

Trabalho empregadas domésticas estão no grupo de risco do novo coronavírus

PÁG. 14 E 15

Governo Ministro quer antecipar formatura de estudantes de medicina

PÁG. 16



FOTOS MARINA SILVA

graram mais de 800 pessoas reunidas na feira.

Além da grande quantidade de gente, com a ajuda da Guarda Municipal e Polícia Militar foram apreendidos dois caminhões de material irregular. "Acabamos de fazer uma operação agora na Baixa do Fiscal. Tem uma feira, a Feira do Rolo, que devia ter mais ou menos umas 800 a 1 mil pessoas. Fizemos um trabalho de conscientização, apreendemos muitos materiais irregulares que estavam sendo comercializados e fizemos a dispersão", disse Adriano Silveira.

RESTAURANTES

Nos poucos lugares abertos, como supermercados e restaurantes, os funcionários trabalhavam preocupados. Muitos estavam de máscara para receber os clientes. Mas, nem todos. Caixa do supermercado Mix Bahia, na Graça, Andréa Gomes disse que optou por não usar máscara porque "fica sufocada". "Mas acho que o certo era usar, né?"

Pouco antes, um caminhão do Corpo de Bombeiros com a sirene ligada passava pelo local com um carro desom à sua frente. "Faça a sua parte. Quarentena não é férias. Ajude a diminuir a contaminação por coronavírus nos bairros. Permaneçam em suas casas".

Seguindo pela Orla, os bares e restaurantes que costumam ficar mais cheios aos domingos estavam completamente vazios. Quem diria que o Rei do Pirão, que faz fila na porta, estaria do jeito que encontramos. Em um final de semana, o restaurante recebe em torno de 800 a 1 mil pessoas. Ontem, no início da tarde, não havia atendido nem 15 mesas. O estabelecimento tenta reduzir um pouco o prejuízo com entregas delivery. "A redução é de 95% na casa. Delivery tá bombando, mas não compensa", disse Deraldo Pereira, gerente.

Se tá ruim para eles, imagine para os pequenos comerciantes. Na porta do Parque da Cidade, o vendedor de picolés Isac Correia, 51 anos, havia vendido quatro unidades em um dia que normalmente venderia cem ou 120. "Tá bem difícil. Como é que sustenta a família desse jeito?"

Em Piatã, também cercada pela Semop, o vendedor de castanhas também não encontrou ninguém para apreciar a especiaria "importada" de São Felipe, no Recôncavo. "Vim da Barra até aqui de ônibus vendo se tinha gente em alguma praia. Tô voltando pra casa depois de vender duas porções dessa. Costumo vender 30".



3

teger e proteger a quem ama. No caso das praias, elas ficaram vazias. Encontramos algumas pessoas que burlaram a determinação, mas respeitaram o nosso chamado. Sempre tem os que burlam, né?", afirmou Adriano Silveira, diretor da Secretaria Municipal de Ordem Pública (Semop).

Tem mesmo. Em uma das praias em que a Semop atuou, quando o CORREIO passou novamente pelo local, cerca de uma hora depois, outras

pessoas também haviam burlado o decreto municipal. Dois homens jogavam frescobol e outros dois faziam um "salãozinho" enquanto esperavam a galera para "bater o baba".

FEIRA DO ROLO

Mas nenhum evento parece ter reunido tanta gente quanto a tradicional Feira do Rolo, na Baixa do Fiscal. Enquanto as principais avenidas e praias seguiam vazias, os mesmos fiscais da Semop fla-

Última grande epidemia foi no século 19

Não existe comparação do que está acontecendo em Salvador hoje em relação a qualquer fato ou evento que já tenha ocorrido em toda a história. A única epidemia capaz de fazer os soteropolitanos também se trancarem em suas casas, mas em proporção menor, foi a epidemia de cólera no século 19, que atingiu a capital baiana especialmente no ano de 1895. A constatação é do historiador Jaime Nascimento, do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.

"A gripe espanhola matou muita gente, mas foi muito mais na Europa. Aqui o que matou mesmo foi o cólera, em 1855. O cólera matou um terço da população da Bahia. Dezenas de milhares de pessoas. É a única comparação que se tem de uma epidemia que realmente fez um grande estrago na cidade", disse.

Segundo o professor, não houve um isolamento compulsório decretado pelas autoridades públicas, mas, em desespero, boa parte das pessoas se trancou em suas casas.

"Criou-se uma sensação de desespero. Afetou a cidade psicologicamente e materialmente. Porque na verdade não se sabia de onde vinha. Não se sabia que era um vírus ou bactéria. Para eles tudo era peste. Febre amarela ou cólera era tudo peste", diz.

Muitos dos doentes foram levados para o então Hospital de Isolamento, onde hoje é o Instituto Couto Maia. Jaime Nascimento cita o livro A Morte é Uma Festa, de João Reis, em que aspectos daquele momento de pânico coletivo é descrito. Morreu tanta gente que não se tinha onde enterrar.

A epidemia de cólera no século 19, que atingiu a capital baiana, especialmente no ano de 1895, matou cerca de 25 mil pessoas

Bombeiros alertam população

Unidades móveis do Corpo de Bombeiros Militar da Bahia percorreram ontem as regiões mais vulneráveis à concentração de pessoas em Salvador e também no interior do estado, para conscientizar a população sobre os riscos da disseminação do novo coronavírus (Covid-19). A ação do governo do estado ganhou um reforço neste fim de semana, com carros de som que percorreram pontos turísticos, praias e bairros populares com mensagens preventivas sobre a doença. Os carros de som continuarão acompanhando a ação dos Bombeiros nos próximos dias.

"O Corpo de Bombeiros Militar da Bahia pede a todos que evitem aglomerações. Faça a sua parte: quarentena não é férias. Ajude a diminuir a contaminação do coronavírus entre os baianos. Permaneçam em suas casas. O Corpo de Bombeiros Militar da Bahia agradece a compreensão de todos", diz a mensagem, que é interrompida por alertas sonoros.